

Série MPB

Pixinguinha

Alfredo da Rocha Viana Filho, o Pixinguinha, nasceu no dia 23 de abril de 1898 no bairro de Piedad, Rio de Janeiro.

Seu aprendizado musical começou aos 12 anos de idade tocando cavaquinho e bombardino, para depois dedicar-se à flauta onde fez sua primeira composição: "Lata de leite".

Em 1915, Pixinguinha fez sua primeira gravação, para a Casa Falhauber: com o "Choro Carioca", interpretou o tango "São João debaixo d'água" de seu professor Irineu de Almeida. Dois anos depois gravou "Rosa" e "Sofres porque queres", ambas de sua autoria.

Juntamente com o conjunto "Os Oito Batutas" (formado em 1919 e composto de violão, piano, bandolim, pandeiro, cavaquinho, flauta, piston e canto), Pixinguinha excursionou pela França sendo o pioneiro da divulgação da música brasileira no Exterior. A temporada que inicialmente iria durar um mês, estendeu-se durante mais de meio ano.

Em 1926, foi dirigir a orquestra do Teatro Rialto onde destacou-se como grande orquestrador, profissão até então inexistente no Brasil, pois os arranjos já vinham prontos da Europa.

Ficou com sua flauta até 1946 quando trocou-a pelo saxofone devido à falta de firmeza de suas mãos, mas juntou-se a Benedito Lacerda, excelente flautista, e a dupla gravou vários chorinhos como "Um a zero", "O gato e o canário", "Cinco companheiros" etc.

Na década de 50 ficou meio esquecido. Era a época de bolero, tango e samba-canção, estilo de música opostas ao saltitante dos chorinhos de Pixinguinha.

Com a chegada da Bossa Nova, teve uma atividade até então inédita em seus cincoenta anos de carreira artística: criar a trilha sonora para o filme "Sol sobre lama", junto com Vinícius de Moraes. Foram compostas quatro novas músicas e o poeta colocou letra em "Lamento".

Em 1964, Pixinguinha ficou vinte dias internado numa casa de saúde devido a um enfarte. Compôs uma música por dia, o que era como um diário dos acontecimentos. "Solidão", "Mais quinze dias", "No elevador", "Mais três dias" e "Vou pra casa" são algumas delas



Sua música mais famosa é "Carinhos", composta em 1923 e que quatorze anos mais tarde, a pedido do cantor Orlando Silva receberia letra de João de Barro.

Morreu, no Rio de Janeiro, no dia 17 de fevereiro de 1974

CARINHOSOS

Meu coração
não sei porque
bate feliz quando te vê
E os meus olhos
ficam sorrindo
e pelas ruas vão te seguindo
Mas mesmo assim
foges de mim

Ah! Se tu soubesses como sou tão carinhoso
E o muito e muito que te quero
E como é sincero o meu amor
Eu sei que tu não fugirias mais de mim
Vem, vem, vem, vem, vem sentir o calor
Dos lábios meus
A procura dos teus
Vem matar esta paixão
Que me devora o coração
E só assim então
Serei feliz
Bem feliz.

Moracy do Val

Bate-papo com Guadalupe

— Como surgiu a idéia de você fazer este seu primeiro LP?

— Era uma idéia que já vinha amadurecendo há algum tempo. Aliás, antes, eu já havia feito um compacto-simples numa outra gravadora, que infelizmente ninguém tomou conhecimento. Aí, quando o Dominginhos assinou contrato com a RCA e lançou o LP "Quem Me Levará Sou Eu", o pessoal de lá gostou da minha voz, sabia que eu também compunha com o Domingos, aí resolveram me contratar. Assim, nasceu o LP "Princesa do Meu Lugar".

— Antes do compacto que V. citou, já havia alguma experiência artística fora disso?

— Bastante. Eu, logo que cheguei a São Paulo — sou de Timbaúba, Pernambuco — fiz figuração em foto-novela, fiz algumas pontas em TV, ia fazer a novela "Maria Nazaré", que acabou não indo ao ar, na antiga Tupi, trabalhei em



teatro, aqui, no Rio de Janeiro e no Recife e cheguei a cantar na noite e ter um programa na TV Jornal do Comércio.

— E este disco agora, como você define?

— Bem, é o disco dos meus sonhos, algo que eu queria fazer há muito tempo. Inclusive, ficou um trabalho muito acima de tudo o que havia sonhado, pois jamais imaginei que tanta gente importante como Tom Jobim, Gilberto Gil, Belchior, o saudoso Vinicius e tantos outros fossem me dar músicas inéditas para gravar no meu disco, afinal um disco de estória!

Miss Lene: 2.º elepê

MISS LENE está lançando seu segundo LP, todo ele marcado pelo funk, mas com muitas influências brasileiras, num casamento perfeito, uma vez que ambos os ritmos são oriundos de raízes negras. Podemos até dizer que o funk é um polivalente na música brasileira, e tem uma batida que pode ser utilizada em vários gêneros da música jovem contemporânea. Dessa união resultou uma música alegre, dançante, e que dá a MISS LENE uma vasta possibilidade de criação, ao mesmo tempo que saindo da

fase de "deslumbramento" da discoteque, lhe imprime maior vigor interpretativo, abraçando um caminho mais sério, objetivo, proporcionando um melhor desenvolvimento de seu trabalho, sem no entanto afastá-la da música jovem, aberta e comunicativa, pois é uma jovem que convive em meios aos de sua idade e liberdade, num ritmo crescente de descontração. Sob a direção artística de Eduardo Lages, o LP teve produção de Fernando Adour, com arranjos do maestro Eduardo Souto Neto.

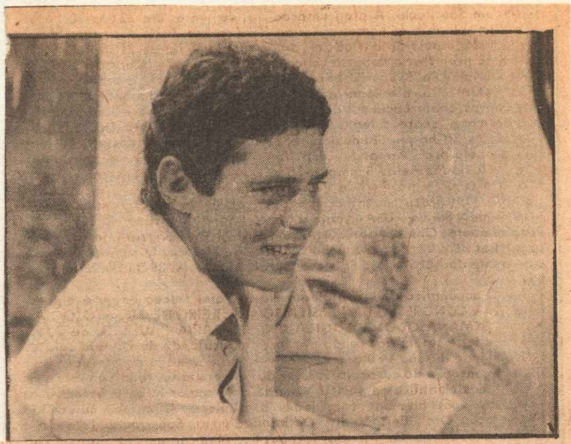
O canto feminino de Joyce

Uma das principais classificadas no Festival MPB/80 da TV Globo, a cantora-compositora JOYCE vive atualmente um dos principais e mais ativos momentos da sua carreira, através da maciça execução que a música "Clareana" vem recebendo em todo o território nacional.

Parte do grande público só agora, justamente através de "Clareana", está tomando conhecimento do seu trabalho. Mas, aos menos avisados que imaginam que ela começou a batalhar ontem, queremos informar que a carreira da moça já entra nos treze anos de luta

cerrada, para demonstrar uma criação que sempre foi pautada pela melhor qualidade. Para os de boa memória, JOYCE fez sua grande estréia em termos nacionais através do Festival Internacional da Canção, em 1967, quando defendeu a música "Me Disseram", de sua autoria.

Este LP "FEMININA" realiza um antigo sonho: nele, além de cantar, JOYCE atua como arranjadora, influenciando diretamente na escolha de repertório e dos músicos, além de ter contado com a presença de JOSE MILTON na eficiente produção. Lançamento Odeon.



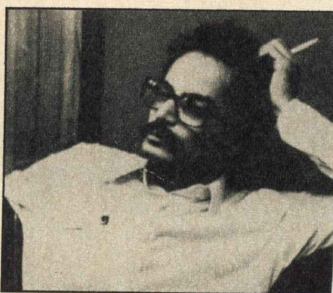
Certas palavras com Chico Buarque — A figura do brilhante compositor, Chico Buarque de Hollanda, o torna uma das mais talentosas personalidades do pensamento cultural brasileiro. O cineasta Maurício Berú, orgulhoso de haver convencido Chico Buarque a estrelar e participar com seus amigos e família de uma autobiografia, "Certas Palavras com Chico", anuncia a estréia para breve nos principais cinemas do Brasil. Caetano Veloso, Maria Bethânia, Vinícius de Moraes, Toquinho, Francis Hime, Ruy Guerra, Miúcha, Sérgio Buarque de Hollanda, participam em números musicais e depoimentos. Chico Buarque em plena gravação, em seus momentos mais musicais, sempre presente nesse filme que é uma amostra da vida artística nacional.



O sexo oculto — Gaumont do Brasil, apresentando nos cines Liberty, Lumière, Arouche A e circuito "O sexo Oculto". Um filme de Daniel Duval, tendo como intérpretes principais Miou Miou, Maria Schneider, inspirado no romance de Jeanne Cordelier. Marie, uma jovem de 19 anos, deixa-se envolver por um gigolô, sua vida passa a ser um verdadeiro inferno e a luta sem fim para conseguir sair da prostituição e tornar-se uma mulher livre.

O retorno de Baden Powell ao Brasil

● Depois de passar cinco anos mostrando seu trabalho em países como a França, Itália, Bélgica, Holanda, Finlândia e Japão, Baden Powell retorna aos palcos cariocas com o show *Nosso Baden*. O público terá então a oportunidade de ouvir músicas compostas pelo artista juntamente com um dos seus principais parceiros: Vinícius de Moraes. (Luiz Carlos Robaldo)



A sexualidade ao alcance de todos

● O que transforma o homem em verdadeiro símbolo sexual? A resposta está no livro da americana Susan Eno, que garante: "Ninguém precisa ser Robert Redford para atrair as mulheres. Além da beleza, existem inúmeros fatores responsáveis pela sensualidade masculina, como, por exemplo, autoconfiança, entusiasmo pela vida e respeito pelos outros." Sendo assim, aí vão algumas dicas aos interessados:

● Em primeiro lugar, procure vencer-se de que é um homem seguro de suas vontades e de seus atos. Tal estado de espírito certamente influirá na postura exterior.

● Não perca a naturalidade. As mulheres odeiam os artifícios e a sofisticação exagerada no sexo oposto.

● Seja independente, nada pois mais sedutor para a alma feminina do que alguém capaz de protegê-la contra tudo e contra todos.

● Mostre-se decidido sem ser despota. É importante que a palavra final seja dada no momento certo, com habilidade.

● Sobretudo, nunca se distraia. Toda mulher adora ser notada. Concentre-se bastante para jamais esquecer a cor do seu vestido, o aroma do perfume predileto e principalmente o dia, local hora e ano em que, pela primeira vez, se encontraram. (Susan Eno/National Enquirer)



Uma chance para a beleza e o talento de Kim Mills



● A grande oportunidade de Kim Mills acaba de surgir. Depois de posar nua para inúmeras revistas masculinas, ela finalmente foi convidada para contracenar ao lado de Elizabeth Taylor e Rock Hudson no filme intitulado *The Mirror Cracks*.

O retorno de Baden Powell ao Brasil

● Depois de passar cinco anos mostrando seu trabalho em países como a França, Itália, Bélgica, Holanda, Finlândia e Japão, Baden Powell retorna aos palcos cariocas com o show *Nosso Baden*. O público terá então a oportunidade de ouvir músicas compostas pelo artista juntamente com um dos seus principais parceiros: Vinicius de Moraes. (Luiz Carlos Robaldo)



A sexualidade ao alcance de todos

● O que transforma o homem em verdadeiro símbolo sexual? A resposta está no livro da americana Susan Eno, que garante: "Ninguém precisa ser Robert Redford para atrair as mulheres. Além da beleza, existem inúmeros fatores responsáveis pela sensualidade masculina, como, por exemplo, autoconfiança, entusiasmo pela vida e respeito pelos outros." Sendo assim, aí vão algumas dicas aos interessados:

● Em primeiro lugar, procure vencer-se de que é um homem seguro de suas vontades e de seus atos. Tal estado de espírito certamente influirá na postura exterior.

● Não perca a naturalidade. As mulheres odeiam os artificios e a sofisticação exagerada no sexo oposto.

● Seja independente, nada pois mais sedutor para a alma feminina do que alguém capaz de protegê-la contra tudo e contra todos.

● Mostre-se decidido sem ser despota. É importante que a palavra final seja dada no momento certo, com habilidade.

● Sobretudo, nunca se distraia. Toda mulher adora ser notada. Concentre-se bastante para jamais esquecer a cor do seu vestido, o aroma do perfume predileto e principalmente o dia, local hora e ano em que, pela primeira vez, se encontraram. (Susan Eno/National Enquirer)

David M. Moore/Magnum Photos

HERMIETO PASCHOAL

SENSACIONAL

Meninos, eu ouvi: "Ontem você não veio; senti sua falta." O você era eu. E quem falava era um gênio chamado Hermeto Paschoal, que — quem viver, verá — vai ser uma das maiores, se não a maior, sensação do *Rio Jazz Monterey Festival*, no Maracanãzinho, semana que vem (e que será transmitido, ao vivo, pela Rádio Manchete FM do Rio, São Paulo e Brasília). Um cérebro magnético — aliás, nome de seu mais recente disco — capaz de criar coisas como *Voz e Vento*, *Correu Tanto Que Sumiu*, *Êta Mundo Bom*, *Festa na Lua*, *Músicas das Nuvens e do Chão*, *Dança da Selva na Cidade Grande*. O que é cérebro magnético? "É fechar os olhos e ver" — diz. Táí. Tem horas que eu gostaria de ser, democraticamente, um ditador. Pra baixar uma lei cujo artigo, primeiro e único, seria o seguinte: "É proibido não ouvir Hermeto. Revogam-se as disposições em contrário." E Ilha Grande ou Pinel pra quem achasse sua música *hermética*. Pelo trocadilho e pelo pecado da insensibilidade. Porque quem não entende as altas artes do *Campeão* bom sujeito não é: é ruim da cabeça ou doente do pé.

"O som está em tudo. Meu som não é um som só, são vários. São várias cores. Meu som dá oportunidade de imaginar"

● Tudo é matemática, em música. O que mais que você aprendeu? Que a *semibreve* vale quatro tempos. Daí eu fui pra frente, sozinho. Porque a música é uma coisa muito fácil...
...é como escrever: ou é fácil ou é impossível. Tem que ter o dom, né? Quem não nasceu pra isso vai ser um matemático, só; jamais um músico.
Quer dizer que um bom matemático pode ser...
...um músico-matemático... assim como um cara que escreve bem à máquina, que dirige bem, um piloto... todos com seus méritos... com isso não quero diminuir nada nem ninguém... mas o verdadeiro músico, ele já nasce... antes dele conhecer a teoria ele já é músico... é igual a uma nascente, entende, você passa um dia e vê aquela agüinha branquinha, branquinha, você passa no outro dia tá ela lá, uma água que não seca nunca, tá sempre nascendo água nova...
...mas nascentes só em músicos como você... por falar nisso, os astros, o signo, não têm participação nessa jogada toda, não?
Nunca. Eu não vou acreditar nunca em signo, porque antes do signo, o ser humano já sente as influências todas... mas as pessoas que sentem, dizem da maneira que elas sentem... e nem todas as pessoas sentem a mesma coisa... e ninguém pode falar por ninguém...
...só o som pode falar por todos...
...e o som está em tudo, por exemplo...
...no motorzinho que o dentista bota no dente da gente...
...pois taqui do lado do meu dentista, Eriberto Abílio Almeida, cujo pai, graças a Deus,

Nem ele mesmo sabe quantos instrumentos toca (fora os que inventou). "A gente escolhe um som ou uma cor, dependendo da coisa como está rolando."



tive a felicidade de conhecer, tocando acordeon em Garanhuns...
...e o filho acabou tocando motorzinho na boca dos outros...
...ele tem até um aparelhinho chamado *cavitrion*, pra tratar de tártaro, etcétera, então na hora de fazer as minhas coisas, né, eu me surpreendi com o som... ele é ainda mais louco do que eu, ele curte o som dos aparelhos... quando vou pro consultório dele já aviso em casa: "Olha, não sei a hora que vou voltar." Os clientes ficam esperando, esperando... ele me deu de presente uma flauta de bambu, que, aliás, só falta ter mais um buraquinho, porque o cara fez...
...que cara?
Um índio. Então a afinação dela é diferente. Quando você dá a primeira nota, que seria o *dó*, o *dó grave*, quando você levanta o dedo mindinho, já está uma quarta acima, já vai pro *fá*... num pode, tem de ter um buraquinho embaixo, pra gente ver a diferença dos graves e dos agudos, aquele negócio da distância das notas...
...mas qual é o aparelho odontológico que tem som mais legal, no buraquinho que nunca falta em nossos dentes?
Tudo tem. A cadeira tem... eu peso 100 quilos, quase, quando sento nela penso logo: "Bem, hoje a cadeirinha vai sofrer..." aí mandei minha mulher, a Ilza, que pesa 125 quilos, quase afundou a coitadinha...
...e teve algum som?
Tudo tem som. Escuta, bicho, estou convidando você, agora...
...não sei nem o que é, mas já aceitei...
...pra gente ir até o consultório dele...
...já sei, na Ilha do Governador...
...e fazer um som... eu vou tocar os instrumentos de ler, violão, saxofone, nos vamos marcar o dia...
...e eu toco cadeira...
...e vai sair um som divino. Não adianta a gente querer dificultar as coisas... o cara que fabrica o *sintetizador* devia ser preso, por tudo que você possa imaginar que o cara é. Sabe por quê? Porque o cara está tirando a oportunidade dele mesmo criar, fazer coisas... *sintetizador* é instrumento de preguiçoso, o cara pega num botão já sabe o som que vai sair... tem coisas em *sintetizador* que é imitação de um passaro, imitação da voz humana... o que é que faz um *sintetizador*? Nada. Por que não pensar, por que não criar? Nessa nossa conversa, estamos fazendo um som que nenhum *sintetizador* ia conseguir, entende? Já no norte tem o jumento e tem o burro, mas aqui no sul o pessoal não sabe diferenciar... o que eu quero dizer é o seguinte: "O cara que inventou o *sintetizador* é burro..."

HERMETO PASCHOAL

...e quem toca o sintetizador é jumento? Pronto. Matou a charada. Perfeito.
E o sintetizador é invenção de quem?

Isso tudo é um comércio. É igual o cara que tem uma fábrica de refrigerante... não vou citar nome, porque não estou aqui pra fazer propaganda de ninguém... muda o rótulo da garrafinha e todo mundo pensa que é outra coisa diferente... eu acho que o lance é esse aí... tem aqui uma harmônica a pedal que eu não troco por nenhum órgão do mundo...

...nenhum...
 ...eu ainda estou com 44 anos, acho que até os 60 ainda vou tocar em todos os órgãos...

...até os...
 ...e ainda não desafino... meu pai está com 73...

...já está desafinado...
 ...já desafinou, ele falou... mas eu gostaria de desafinar logo, nesse sentido orgânico que a gente tá falando... pra fazer coisas muito mais importantes...

...mas essa parte, atrapalha?
 Dizem os médicos que é bom para os nervos e tal... mas se eu ficasse impotente agora, por exemplo, acho que iria trabalhar numa boa, até mais do que eu trabalho...

...mas é quase matematicamente impossível fazer som melhor do que você faz...
 ...pode... você já ouviu falar em alguém tocando sem instrumento?

Não. Você toca?
 Agora eu vou dar um furo pra você. Quer que eu toque sem instrumento?

Só que a revista não é musical.
 Pois ouça isto... (E COMEÇA A FAZER SONS INCRÍVEIS, SOPRANDO UM INSTRUMENTO IMAGINÁRIO)... é *solmenor*, porque a gente está no banheiro...

...uma das coisas mais musicais que eu conheço é o estômago...

...escuta, vou contar uma passagem, você sabe que isso é importante... fui gravar esse disco, *Cérebro Magnético*, lá fora... eu não digo mais *Estados Unidos*, porque dá impressão de que a gente quer aparecer, então eu digo *lá fora*... apesar de que eles não tão com nada, o negócio é aqui...

...e agora...

...então fui gravar um lance e pedi para todos os músicos tirarem as camisas... pra gente gravar mesmo o som, o som do coração, essas coisas... pois saiu o som do coração de todo mundo, do meu não saiu, rapaz, até hoje... fiquei pensando que sofriria do coração, olha só...

...e a história do cara que você queria que ficasse amarrado de cabeça pra baixo?

Isso foi há uns 14 ou 15 anos... eu gravei percussão, porque esse negócio de usar todos os instrumentos que eles chamam *isótipos, isótopos*, exóticos, aliás uma palavra que eu não quero nem saber porque pra mim ela lembra outras coisas que não têm nada a ver...

...hipopótamos, hippopotamus...

...isopor...

...esses sons todos...

...mas daí nós usamos todos os instrumentos... tá aparecendo uma porção de caras aí com coisas...

...que coisas... sons exóticos...

...eles usam muito isso aí...

...e seu som, por acaso, não é exótico?

Meu som é som. Não é um som só, são vários... são várias cores, entende... meu som dá oportunidade a cada pessoa imaginar... eu não posso impor nada, através de meu trabalho, a ninguém... acho que não tenho esse direito.

Também acho. Mas quero saber qual a cor do som. Do seu som.

Meu som tem várias cores.

Por isso que você toca de olhos fechados.

Inclusive quando eu tinha mais ou menos 20 e poucos anos,edia a Deus pra ficar uma temporada, uns três meses, sem a minha visão física... pra que eu pudesse ver, entende... olhe bem, se você fechar os olhos e pensar em ver uma determinada cor... vamos supor, você vê um amarelo, aí você vai procurar numa loja e vê um amarelo, com as lentes da gente, com a mente da gente, não as cores mais lindas do mundo... mas o azul que a gente vê com a mente, os olhos fechados, é lindo, não existe, o resto, tudo é imitação...

...menos o amarelo de Van Gogh...

...só conheço de nome...

...e quadro dele?

Não conheço.

Ele tem um amarelo fantástico.

Mas cada pessoa sente da sua própria maneira.

Essa tese eu dou a maior força. Sempre achei que a cor que eu estou vendo não é a mesma cor que você vê. E o que você vê e põe no papel depois é 50% menos do que você realmente viu.

“O negócio é que não existe nada igual ao que você vê na mente. Nada”



De vez em quando ele ataca de bruxo. Só que em vez de assustar, excita a plateia.

Em certos casos 50% mais. Pelo menos com mais realce... dizem... dependendo até de uma *quimicazinha* aí...

...o negócio é que não existe nada igual ao que você vê na mente. Nada. Nada que se compare com o que você vê na mente. Nada. Você pode ver, pode achar isso ou aquilo, pode sentir, pode achar que é, mas você não pensou, ou seja, não viu o que a pessoa, no caso o pintor, viu. Pra gente está ótimo o lance, mas ele próprio diria isso que estou dizendo. Com outras palavras, talvez.

Ele quem? Van Gogh?

Exatamente.

Agora me diz qual a cor exata do seu som. Eu não consigo dizer uma cor só. Porque as cores variam muito rápido. Meu som é muito rápido. Eu dou muito trabalho, estou com um instrumento, de repente já estou com outro... o cara pode me perguntar: "Hermeto, no que você gosta de se fixar mais?" E eu não posso responder. Porque minha cabeça não para, entende? Então as cores passam assim como se fossem fuginhas...

...e dá pra tocar coisa romântica, coisa meio quadradinha?

De vez em quando um pessoal vai lá em casa e pede para que eu saia do meu eu e toque uns negocinhos... dizem que saem coisas boas...

(ENTRA ALGUÉM NO BANHEIRO DO TEATRO, ONDE A ENTREVISTA ESTÁ SENDO FEITA E PEDE: "CAMPEÃO, QUANDO PUDE ME AVISA QUE EU DOU O PRIMEIRO SINAL PRA COMEÇAR O SHOW, TÁ?")

...são vinte uma e trinta e quatro, pode dar o sinal...

...depois a gente continua, campeão...

...tudo certo... a gente volta aqui pro banheiro, que o som está da pesada...

...e depois de você passar *Leite de Rosas* no rosto...

...eu passei agorinha, bicho, praquê passar de novo?

E praquê que você passa?

É um cheirinho muito agradável, sabe...

...isso é muito perigoso: além de talentoso, cheiroso...

...eu não tenho medo de nada. Nem de *repentista* igual a você: perigoso, talentoso e cheiroso.

Nem de saudade?

Eu vou definir o que significa saudade: a pessoa sente saudade sem pensar na própria saudade, é sincera; mas a pessoa que pensa em ter saudade, pensa e perde tempo, o tempo corre e fica a própria saudade...

...isso você leu no Almanaque do Elixir...

...não li... justamente porque acho que tem muito burro escrevendo por aí, então não vou perder meu tempo. Mas um dia eu vou escrever... apesar de que a moda agora é dizer que estudou lá fora, mesmo nunca tendo saído daqui... tem de acabar com isso... isso aqui é um céu, rapaz... tá certo, o mundo todo é muito lindo, mas Nossa Senhora, o Brasil é muito lindo, pelo amor de Deus...

...olhai, já deu o último sinal... vê se a *palheta* está no seu bolso, senão vai acontecer a mesma coisa que ontem...

...ihhh, rapaz, quebrou a corda do cavaquinho, no finalzinho da música, foi a maior sorte... mas vamos fazer o seguinte: o papo tá muito bom, mas dá uma descidinha lá comigo pra ouvir meu som outra vez e depois a gente continua, amanhã, tá?

(TAVA NO DIA SEGUINTE, A CONTINUAÇÃO FOI DEPOIS DO SHOW. ERA HORA DOS ELOGIOS, TIPO "NUNCA VI NADA IGUAL". DAÍ PRA CIMA. É GENTE QUE NUNCA TINHA OUVIDO O CAMPEÃO E NÃO GOSTAVA DELE. PENSAVA QUE ERA APENAS MAIS UM SANFONEIRO EM ALTAS TRANSAS COM OITO OU MAIS BAIXOS)

Olha, se o público se sente à vontade com a gente tocando, ele se sente em casa. Então concentração, eles também se concentram-percussão com a mão direita, com a mão esquerda até que estava ensaiado. Antigamente o pessoal até escrevia que eu tinha combinado e tal... olha, a coisa mais importante que existe no mundo é a intenção... ó, bicho, quem vive desligado da intenção, das coisas, não vive. besteira... o cara subiu no palco com uma flauta, espontaneamente, ela disse que tinha sido combinado... a mesma coisa aconteceu com o público, hoje...

...hoje você tocou melhor do que ontem, acredito que menos bem do que amanhã... aliás me parece que nenhuma noite é igual à outra, pra você... mas você tem de fazer é um show em

que subam pelo menos 50 pessoas no palco, fazendo sons, tocando até papel higiênico, mas sonzando...

...eles vão subir, mas tem um lance: se não fizerem nada que interesse, eu vou empurrando, vai caindo todo mundo, e daí pode até sair um som bom, deles caindo...

...o som da queda...

...ou a queda do som... apesar de que o som não cai nunca!

Você já teve a curiosidade de contar quantos instrumentos você toca?

Não, porque... por exemplo, a mesa está cheia de instrumentos, eu olho pra eles, como se você fosse pintar um quadro... a gente escolhe um som ou uma cor, tudo dependendo da coisa como está rolando... graças a Deus eu me esforço cada vez mais e cada vez mais tenho mais instrumentos, mais opções... por isso que tem essa variedade em *show* meu e as pessoas não ficam naquela de cansaço... tocar o mesmo estilo num espetáculo inteiro não fica bom... você vê que eu, de repente, *zu-pá-bim-zzzzzzz*, então tenho de pegar outro instrumento... é como se fosse um toque diferente, uma cor mais forte...

...o cavaquinho é cor mais forte ou mais fraca?

O cavaquinho eu tocava quando era criança e estou voltando a tocar agora...

...você está querendo é voltar ao útero materno.

A gente sai dele e não volta mais. A não ser espiritualmente, porque materialmente não dá pé.

Você volta musicalmente.

A música é um negócio infinito. Ela jamais volta. É uma coisa que começa e não tem fim, entende?

O que me espanta — daí minha paixão por você — é que, musicalmente, seu ontem não é hoje, seu hoje não é amanhã. E a grande maioria dos outros, os bons, inclusive, toca senão igual, pelo menos parecido, sempre.

A maioria, 90%, é sempre igual. No mundo inteiro, não é só aqui. Porque as pessoas não têm aquela dedicação, entende, elas pensam mais em termos comerciais... em termos passageiros...

...você pensa em sua música em termo de eternidade?

Minha música é eterna. Mesmo quando eu voltar espiritualmente, ou seja, morrer, esses fluidos que estou deixando vão continuar, nas outras gerações. A minha preocupação — graças a Deus, certeza — é de que isto que estou fazendo é uma coisa natural em mim, mas está indo para os outros. E eu não gosto de preparar as coisas. Muitas vezes entro em cena sabendo só mais ou menos o que vou fazer, mas não exatamente o que vou fazer. Na verdade eu estou me desenvolvendo, não sei como, em termos de improviso. Com as palavras também, entende? Tudo isso agradeço à música, aos instrumentos...

...e os deuses, não entram nessa transa?

Pois são eles, exatamente, que dão essa vibração pra gente. Só que tem uma coisa: às vezes eles dão essas vibrações todas e muita gente não se liga nisso, entende? Então é por isso que às vezes acontecem certas coisas, entende? Graças a Deus, comigo e meu grupo acontece isso, a gente sente todas as vibrações. A gente recebe um vaivém muito bonito.

Isso musicalmente. E em relação à família?

Minha família já é outro lance. Nós somos uns seis. Todos homens. As meninas não se criaram...

...o que quer dizer "não se criaram", em dialeto alagoano?

A mamãe tinha e a criança, às vezes até com dois ou três anos de idade, morria, não sei por

quê. Nós morávamos, antigamente, num lugar que é Lagoa da Canoa, município de Arapiraca, nas Alagoas, nessa época não tinha luz, não tinha nada, um pedaço muito atrasado, entende, agora já está melhorzinho...

...tem até arranha-céu...

...graças a Deus não tem nem primeiro andar...

...e quem da família, dos seis irmãos, que é músico também?

O José Neto. Nós éramos uma dupla, ele tocava sanfona de oito baixos e eu tocava pandeiro, cavaquinho, variava.

Ele continua por lá?

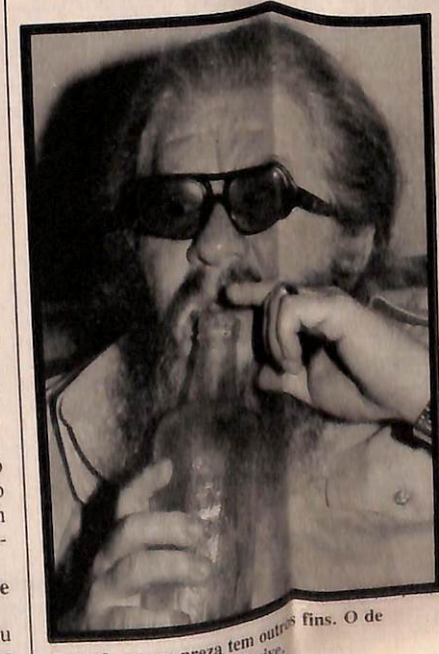
Continua em São Paulo. Toca piano, à noite.

Você, na Suíça, ele em São Paulo. Você acha justo?

Ele tem medo de avião. Já convidei pra participar do grupo, mas não adianta, ele não viaja, a não ser de ônibus, essas coisas...

...e pra ir até a Suíça de ônibus vai demorar um bocadinho...

...ele já chega uns dois anos mais velho e pode não dar conta do recado.



Garrafa que se preza tem outros fins. O de produzir sons (bons) inclusive.

E ele toca bem?

Toca. Inclusive está compondo uma música pra mim, coisa linda, piano...

...você já fez alguma letra?

Algumas. Mas são letras brincalhonas.

...então o Vinícius não era letrista?

Pra mim, não. Pra mim ele sempre foi um grande poeta. Ele perdeu muito do que poderia ter feito em termos de poesia, quando começou a botar letra em música. E eu acho que a poesia tem de ser separada da música, sabe? Apesar de que às vezes existem alguns milagres, quando a música dá certo com a poesia, mas ou o cara tem de acertar a música com a letra ou vice-versa, então não acho que esteja certo, não. Acho muito bonito um ator pegar uma poesia e dizer, é lindo. Inclusive estou até planejando uns textos pra falar, porque quero ensinar algumas coisas ao público... é minha

família, o público... e eu quero dizer umas coisas pra eles, quero acostumá-los a ouvir música sem a letra... ouvir uma música e, na mesma hora, pensar...

...cada um fazer sua própria letra...

...porque quando você põe letra na música você tira a oportunidade das pessoas pensarem... porque cada som tem um significado diferente para cada um de nós... então eu vou apanhar uma música e dizer pro público: "Olha, todo mundo ligado, todo mundo se concentrando aí, cada um imaginando uma letra..."

...e se você pedir para que cada um cante a letra que está pensando, vai dar um som maravilhoso...

...você tem *Eu e a Brisa*, por exemplo, aquela música maravilhosa do Johnny Alf; no entanto você pode estar pensando em outra coisa, quando ouve a melodia, nada de *eu e nada de brisa*...

...quer dizer que todo letrista é um nazista?

Letrista é um negócio *mandrake*.

Na sua terra tinha revista-em-quadrinho?

Tinha *revistinha-de-cordel*, nas feiras. A gente morava ao lado da igreja, que ficava no centro da praçinha onde tinha feira, segunda-feira. E os defuntos eram levados pro cemitério numa rede branca; quando era dia de feira os caras passavam a mil, carregando o morto, pra não incomodar o pessoal da feira... eu fiz até uma música, inspirado nessa cena, as crianças pedindo pra gente sair da frente "pro pessoal da rede passar"... a música se chama *Velório*, que é um quadro, mas um quadro pintado com a música, que é o meu negócio.

Escuta. Eu acho você lindo, lindíssimo, pelo seu talento e sua simplicidade de gênio. Mas, digamos, esteticamente, você não é o que se pode chamar de "Apolo em pessoa". Seria até normal que tivesse pintado algum complexo. Pintou?

Olha. Meu complexo era um só: o de não ter um instrumento, ainda. Porque eu tocava uma sanfona de oito baixos, mas não tinha recursos. De beleza, não, porque eu era o cara que tinha mais namoradas lá na minha terra. Eu sou um cara muito bonito, muito lindo. Eu sou um cara muito diferente, então, já viu... era inteligente, tirava sempre o primeiro lugar na escola; no recreio sempre arranjava uma namoradinha... eu tinha cabelo curtinho, usava uma brilhantina, o cabelo ficava brilhando...

...você fez até que ano?

Até o quarto primário. Mas naquela época o estudo era dureza.

Você nunca voltou?

Não, rapaz. Soube até que querem dar medalha e tudo, mas quando me telefonam é de Maceió, da capital, para eu tocar, mas não me pagam nada, só pagam pra Roberto Carlos, Ney Matogrosso, vários artistas. Pra mim eles dizem que eu sou conterrâneo e tenho de ir de graça. É exatamente o contrário: em minha terra eu tenho de ganhar é muito mais do que na terra dos outros.

Principalmente depois de mais de 20 anos de cidades-grandes por esse mundão afora.

Pois é, rapaz. Eu tenho muita vontade de rever o pessoal, minha família é muito grande. Tenho um tio que tem 68 filhos e está com 145 anos. Tenho uma prima que está com 47 anos e 21 filhos. Do mesmo pai.

Quer dizer que pilula lá eles nem desconfiam.

Eu acho que a pilula evita o filho mas não concerta o coração. Quer dizer: não nasce um mas morre outro. E o negócio é fazer de todo lado. Meu pai falou que só não namorou sapo porque anda muito baixo e urubu porque voa.

ian Ziembinski, de Mestre Zimba.



algum sucesso, já animado, consciente da minha força, parti para algo novo, diferente. Pensei: o pessoal vai levar um chute, vai ficar besta”.

O resto é história. Com figurinos de Santa Rosa e a direção implacável de Ziembinski, após a estréia no Municipal do Rio, o teatro brasileiro passou a ter duas datas: antes e depois do Vestido de Noiva.

Como queria Nelson Rodrigues, o pessoal levou um chute e ficou besta, mas daí para a frente os temas e os problemas brasileiros passaram a ter

lugar embaixo dos refletores. Os espectadores passaram a ver a vida como ela é.

Essa virada se deveu em muito a Mestre Zimba, que logo depois estava consolidando a sua revolução à frente do TBC, o Teatro Brasileiro de Comédia.

E dele saíram outras peças, outros elencos, outros movimentos renovadores.

Também a televisão teve o privilégio de receber Mestre Zimba entre seus colaboradores. Quem não se lembra dele à frente de vários Casos Especiais? E de suas atuações em novelas, já então dono de um português sem sotaque?

Ziembinski é o primeiro ato do moderno teatro brasileiro. Mas quando ele chegou aqui era um estrangeiro.

Contar a história de Mestre Zimba é coisa que a Burroughs faz com muito orgulho. Principalmente porque ela, um dia, também foi estrangeira. Um dia, há muito tempo.

Hoje, a Burroughs, com 56 anos de Brasil, 3.000 funcionários, 4 fábricas e uma rede de assistência técnica e treinamento que abrange quase 5 mil municípios, acha que já ganhou o direito de se considerar brasileira.

Entre os produtos que ela produz e exporta estão computadores eletrônicos de grande porte, unidades impressoras de alta velocidade, unidades de discos para armazenamento de dados, módulos impressores, circuitos integrados e calculadoras eletrônicas de avançada tecnologia.

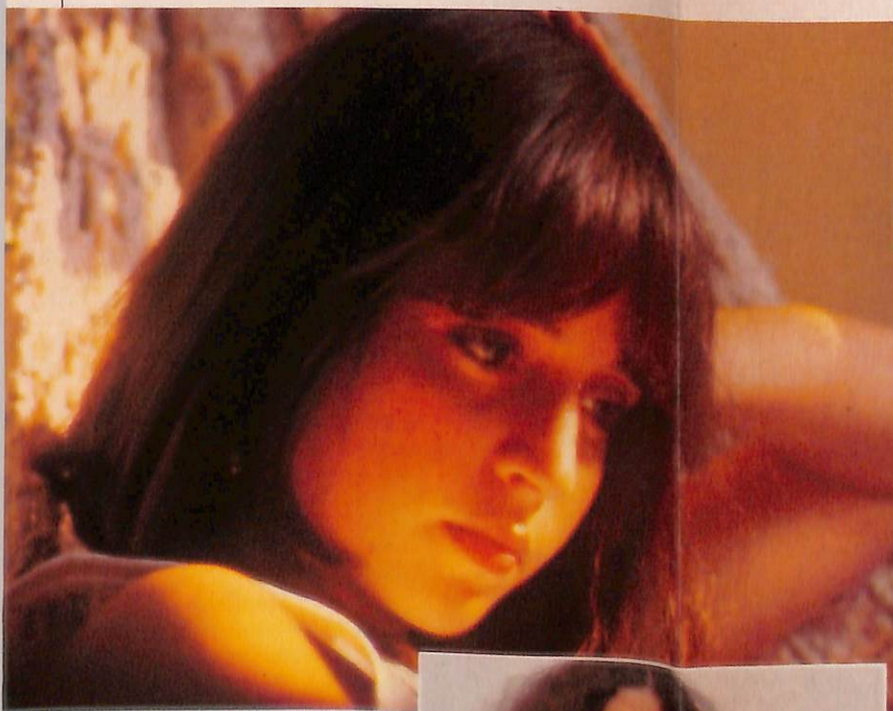
Burroughs

MÚSICA

TENDÊNCIAS

As moças que cantam

Para falar do presente, nem sempre as formas são novas.



Entre feminismos diversos de Fátima e Joana, a nova Olívia

expressam um segmento cultural. É por isso que convivemos com gostos que já-mais aconselharíamos aos amigos. Não se pode esquecer, obviamente, do que a indústria cultural impinge. Mas sempre haverá alguém que suporte um Ivan Lins...

Feminino plural — Olívia, Joana e Fátima Guedes, além de cantar, também compõem. É a partir de suas canções que se torna possível julgar propostas, mesmo quando só musiquem versos alheios — caso de

Olívia. Joana e Fátima Guedes, caminhos velhos. Mas é interessante verificar a recepção de seus trabalhos. Joana fez sucesso com o primeiro disco — suas músicas foram tocadas por várias semanas em paradas de sucesso (e continuam sendo). Já Fátima Guedes teve um reconhecimento "intelectual". O público não cantarolou suas músicas e quase nem ouviu falar dela, que se diz "repórter do tempo", alguém que pretende retratar a realidade. Pretensão redundante: o artista retrata sua realidade. Mesmo a Bossa Nova, que irritou os "engajados" porque falava apenas de "garotas de Ipanema". A Bossa espelhava e deflagrava um movimento cultural — alienantes eram os críticos. E, gozado, em nenhum obituário fizeram as restrições que faziam a Vinicius de Moraes.

Tanto Joana como Fátima Guedes falam da mulher e de seus sentimentos enquanto ser que vive, goza e ri. Cada uma num nível, porém. As mulheres de Joana são passivas, românticas, aceitam a estrutura machista da sociedade. Mas denunciam sua dor, não se calam. É uma bela humildade, um uivo de amor

■ A cultura de um país reflete perfeitamente sua realidade, já dizia Theodor Adorno. No caso brasileiro, a música popular atual mostra essa constatação muito claramente. Uma estética esfacelada, vítima de propostas equivocadas — CPC, da UNE e populismo, por exemplo —, conflita com um coração novo e quente que se mostrou a partir da segunda metade da década de 70. Três lançamentos de discos da coqueluche conhecida como "as novas cantoras" servem perfeitamente para atestar qualquer evolução. Ainda mais quando se trata do segundo trabalho de cada uma das artistas: Olívia com *Anjo vadio*, Joana com *Estrela guia*, Fátima Guedes que dispensa título. Das três, a única que mudou foi Olívia. As outras continuam iguais, com poucas diferenças em relação aos discos de estréia.

Olívia seria o coração quente. Joana e Fátima Guedes ficariam como representantes da velha estética. A divisão não é pejorativa: deve servir apenas pa-

ra melhor compreender a própria música popular brasileira. Como as empresas fonográficas resolveram investir na MPB, abrindo espaço a artistas anteriormente marginalizados, é claro que o panorama é um verdadeiro saco de gatos. A seleção irá sendo feita pelo tempo e pelo mercado, já que os artistas sempre

VISA O 66
18/08/80 Nº 28

MÚSICA

que pretende atingir o coração dos homens. A forma desse grito é direta: sua poesia prima pela objetividade, atinge, talvez, o que pretende. A tragédia é quase passional, embora a dor fique contida. Mas as mulheres de Joana são fracas. A carne, ela admite, não resiste a um pedido de desculpas. Só que os poetas Roberto e Erasmo Carlos são melhores; suas mulheres, mais verdadeiras.

Fátima Guedes também esganiça sua feminilidade — não confundir com sensualidade, característica inexistente na artista. As letras falam de barracos, mulheres pobres solitárias, crianças chorando pelo pai. É o próprio miserê, parente e filho direto das propostas de populismo. E seus bons versos acabam perdendo-se nessa tentativa de engajar o trabalho, mostrar a pobreza — tornam-se arremedos, pobres estereótipos repisados. É quando Fátima se enrosca: a poética enfraquece com clichês. Mesmo sua condição de mulher termina sufocada por essa pretensa vontade de "retratar a realidade". Talvez fosse melhor assumir o que Vinicius dizia, ironicamente: "E rio, porque rico ri à toa".

É Olívia quem vem diferente. A ponto de se poder falar de duas Olívias. A primeira surgiu com um disco mostrando toda a força da poesia dos anos 70 — a dos mimeógrafos, a poesia comportamental —, apoiada em arranjos delirantes da Barca do Sol. A segunda é mais contida, mais racional. Mas seu coração continua quente, novo. E o trabalho está mais deglutível. Caso com as duas, sem problemas. É que Olívia sobrevoa a poesia como uma pluma, extrai seu suco, sua essência. Ela é a perfeita cantora do urbano, suas emoções e gritos. Fala a linguagem dos anos 80. Vinicius adoraria essa sua filha.

Miguel de Almeida

CENA

Criõola ...

Ver e ouvir Zezé Motta.

Dengo, com Zezé Motta, disco (WEA) e show no Teatro Casa Grande, Rio de Janeiro, até final de agosto.

■ Quem esperava apenas deglutir uma bela imagem — misto de beleza, sensualidade e definida expressão corporal — surpreendeu-se. Zezé Motta, a que se apresenta no Teatro Casa Grande, é tudo isso sim. Mas tem mais: canta. E canta bem. *Dengo* tem exatamente esse objetivo: mostrar uma Zezé Motta inteira na sua hora e meia de apresentação sem intervalos — simples, ingênua, do-



Fotos: Paulo Medeiros

Dengo é também o terceiro LP, depois de Zezé Motta e *Negritude*. Talvez, como os outros, não chegue a estourar em vendagem (sua média é de 40 mil): Zezé canta bonito, mas não é gritante o suficiente para explosões nas paradas de sucesso.

O *show*, em todo caso, é um sucesso. De público e de crítica. Tanto que as opiniões a respeito são sempre extremadas, nunca mornas. Supervisão de Daniel Filho, roteiro de Luís Carlos Maciel, direção de palco de Marcos Paulo, direção musical de Tomás Improta, cenários e figurinos de Carlinhos Prieto (aquém da força de Zezé), o *show* mostra muito de Zezé como artista total. E as palmas rolam quando ela deixa de lado músicas de incerta urbanidade e influências jazzísticas para se entregar de corpo inteiro, e de alma também, ao som profundamente ritmado dos atabaques africanos.

Uma artista que enche o palco e não se esgota nos discos



O corpo seminu, seios à mostra na iluminação-penumbra que sugere misticismo, sofrimentos escravos. Mas que serve mesmo para mostrar a presença de uma senhora artista.

Isabel Borges

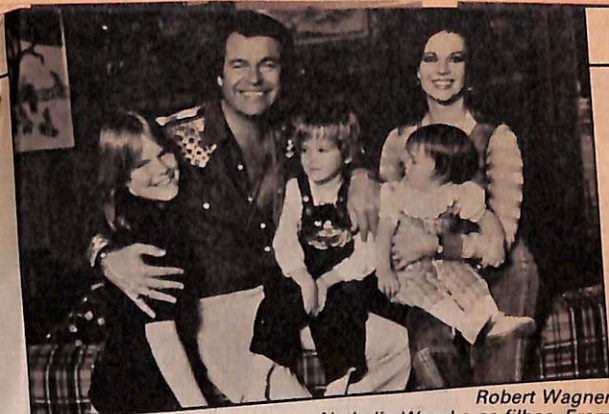
CONTIGO

18 / 07 / 80 p. 309

Escândalo no enterro do Vinicius!

Enquanto amigos e parentes de Vinicius de Moraes homenageavam o poeta com sua dor calada, seu pranto, seu silêncio, Cesar Mariano, marido de Elis Regina ficou com a nota destoante do velório. Ele chegou todo atacado e começou a ameaçar de pancada os repórteres que só desejavam ouvir uma palavrinha de Elis sobre o grande amigo morto.

18 / 04 / 80 R. 309



Robert Wagner com Nathalie Wood e os filhos. Eram casados, se divorciaram e, por fim, se casaram novamente!

anos, é gamadíssima no veterano ator Willian Holden.

Mas as coisas com eles nunca acontecem de modo tão simples. Enquanto o casal Hart passa o tempo todo desvendando crimes e mistérios, Wagner e Powers têm uma agitada vida sentimental que, sem dúvida, também daria um vibrante seriado de TV.

Robert, por exemplo, é casado duas vezes! Com a mesma mulher! Em 1958, aos 28 anos, conheceu Nathalie Wood, de 21. Paixão fulminante. Casaram. Logo depois veio o divórcio. Ela casou com um empresário, Richard Gredson. Ele, com Mari Doneu.

Quinze anos mais tarde, em 1973, novamente livres e desimpedidos, Robert e Nathalie se encontram por acaso em uma festa. E aí descobrem que ainda se amam demais. Resultado: se casam outra vez!

Ele se casou duas vezes com a mesma mulher!

Como se isso não bastasse, levam para o novo lar as filhas dos casamentos anteriores, Katherine (15 anos) e Natasha (de 9), e tornam-se pais de Courtney, hoje com 6 anos. Um final feliz digno de qualquer história de amor, que nem o Casal 20 teria igual.

Mas Stephanie Powers não fica atrás de seu companheiro de aventuras na

TV, em matéria de grandes romances.

Stephanie até hoje é muito admirada em Hollywood por sua dedicada paixão a Willian Holden. E por esse amor foi capaz de deixar de lado os preconceitos e enfrentar um grande drama em sua vida: viver com um homem casado, numa época em que isso repercutia muito mal na vida de uma estrela.

Ela se uniu ao seu ídolo, que era casado!

A mulher de Holden, Brenda Marshall, por ser extremamente católica, jamais consentiu no divórcio, e, apesar de terem se passado dez anos, ele ainda não pôde legalizar seu caso com Stephanie, que mesmo assim continua ao seu lado. Nas férias dos seus seriados de TV, ela acompanha Willian nas viagens pelo mundo, e, por isso, fala fluentemente espanhol, francês, polonês, italiano, alemão, japonês e até chinês! Coisa muito fácil para quem, como ela, já foi até toureira de verdade, no México!

Deste modo, quando o Casal 20 entra em ação no vídeo global, o público pode estar certo de que as aventuras do excêntrico casal Hart não fazem inveja alguma à vida real de Robert e Stephanie. Afinal, eles, fora dos estúdios, curtem emoções tão maravilhosas quanto na TV.

Cinta *Esbelt* a elegância fácil de ser usada

propag 6480

A CINTA ESBELT lhe devolve um corpo novo e elegante sem incomodar. Elimina o excesso de barriga e estomago, modelando sua cintura. Através de micromassagem elastoterápica, com o simples movimento natural do seu corpo, favorece o emagrecimento pela transpiração localizada. Elimina toxinas e gorduras. Reduz de imediato até 8cms. na sua cintura. Um corpo mais bonito e atraente é o que a espera na nova linha de CINTAS ESBELT. Fabricada nos tamanhos 40 a 52 em agradável cor da pele. Modelo especial para homens.



• 960,



• 1398,

O CULOTTE ESBELT é confeccionado em látex puro e sedoso. Seu corte anatómico foi elaborado cientificamente, para torná-lo o principal agente terapêutico de massagem elastoterápica. Indicado principalmente para: CELULITE: Acúmulos nos quadris, coxas e barriga. COLUNA: Dores, neuralgias, postura incorreta, etc. PÓS-PARTO: Eliminar flacidez e recompor a musculatura, ajudando o corpo a voltar à sua forma primitiva. Tamanhos 40 a 52.

Estes Produtos Encontram-se à Venda:



e em todos os grandes magazines do país.

CASAS PERNAMBUCANAS

dos seguintes estados: São Paulo - Paraná - Santa Catarina Mato Grosso do Sul e Triângulo Mineiro

Vendas Atacado: BELTEX Ind. e Com. Ltda
Rua Galvota 886 - CEP 04522 - São Paulo SP
fone 2413041 - 2419983
Assistência Técnica:
São Paulo: endereço acima - Rio de Janeiro:
Praia do Botafogo 324 loja 4 fone 2467245

Reembolso Postal

Para receber sua cinta ou culotte ESBELT, pelo Reembolso Postal, você deve enviar seu pedido (utilizando-se do cupão ou de carta) para:

NÃO É PRECISO MANDAR DINHEIRO: Você paga apenas ao retirar seu pedido na agência dos correios de sua cidade e, somente o preço anunciado. Não há acréscimos, nós pagamos as despesas postais para você.

BELTEX Ind. e Comércio Ltda
Cx. Postal 57.012
01.000 - S. Paulo SP

Beltex Cx. Postal 57.012 - Indaiatuba - 01.000 S. Paulo SP
Envie-me pelo Reembolso Postal os artigos abaixo relacionados, os quais comprometo-me a retirar na agência dos correios:

| Quant. | Artigo | Tam. | Preço | Total |
|--------|------------------------|------|----------|-------|
| | Cinta Esbelt Feminina | | 960,00 | |
| | Cinta Esbelt Masculina | | 960,00 | |
| | Culotta Esbelt | | 1.398,00 | |

Nome _____ No _____
Rua _____ CEP _____
Apto _____ Bairro _____
Cidade _____ Est _____

Ofertas válidas até 30/09/80

18 / 04 / 80 Nº 309



VINICIUS NA HORA DO ADEUS!

Texto: Sumika Yamazaki/Fotos: Fernando Seixas

Às 7 horas da manhã do dia 9 de julho, morreu um dos maiores poetas que este país já conheceu. E ninguém jamais conseguirá substituí-lo.

Mais de mil pessoas entre amigos, fãs e parentes levaram seu adeus ao poeta.



Tônia (acima) conseguiu não chorar. Abaixo, Maria, filha caçula de Vinicius. Ao lado, Gonzaguinha, bastante emocionado.



morte do poeta em poucas palavras. Gonzaguinha, compositor, disse:

— Pela primeira vez na vida, não tenho nada a dizer. Sinto muito, não tenho condições de falar...

Dina Sfat, atriz:

— Estou muito emocionada. Não há como falar dele. Eu ainda estou sob o impacto da notícia.

A ausência notada na última despedida do poeta foi a do compositor Antônio Carlos Jobim, que segundo a mulher, Ana Beatriz, não pôde ir porque ao saber da morte do amigo teve uma crise de nervos, encheu-se de sedativos e apagou.

Vinicius de Moraes não foi só poeta e compositor. Ele foi também jornalista e diplomata. Mas o seu forte sempre foi escrever.

Ele escrevia versos desde os oito anos de idade!

Nascido na Gávea no dia 19 de outubro de 1913, o garoto Vinicius escrevia poemas desde os 8 anos de idade. O primeiro nasceu de uma paixão que teve por uma coleguinha na escola. Desde então, nunca deixou de escrever e de amar.

Suas poesias sempre foram inspiradas em alguma mulher. E quase todas falavam do amor que tinha no presente, que já fora ou que ainda vinha. O amor era a sua própria vida. Por isso Vinicius de Moraes casou nove vezes. E desses casamentos teve cinco filhos: quatro mulheres e um homem.

Embora tenha amado muito e colocado o seu próprio coração em tudo o que escreveu, Vinicius sempre dizia que seu pai, também poeta (porém inédito por vontade própria), é que foi seu grande mestre para aquilo que ele tão bem fez em toda a sua vida: amar.

**TUDO SOBRE
VINICIUS
EM NOSSA
EDIÇÃO ESPECIAL**



Nas bancas de todo o país, uma Edição Extra de CONTIGO com a vida do poeta.

Vinte e quatro horas após a morte do poeta, a Equipe CONTIGO tinha completamente pronta sua Edição Extra (n.º 308-A), contendo tudo sobre Vinicius de Moraes. Foram 24 horas alucinantes em que repórteres e redatores, fotógrafos, diagramadores e diretores de arte, impressores, revisores, secretárias, datilógrafas, editores e diretores irmanados fizeram o mais completo levantamento sobre a vida, os amores, os amigos, os parceiros, as esposas, as composições mais famosas de Vinicius, sua visão do mundo, das pessoas, do sexo e seus inesquecíveis poemas. Tudo condensado em 32 páginas de pura emoção!

Uma edição muito especial que nós, da Equipe CONTIGO, fazemos questão que você guarde para sempre!

Não perca!

V I S Ã O
Em 18/08/80 p. 28

MEMÓRIA

O fim do bar

Sem Vinicius, Cirrose fecha.



Maria Elisa Ramos

Sem Vinicius de Moraes, o bar está acabando

■ O Cirrose, fiel a seu dono, não consegue viver sem ele: após a morte de Vinicius de Moraes, seu bar, sem os fregueses que ele atraía, foi posto à venda. Muita gente foi ao Cirrose, nos oito meses em que fez sucesso, na esperança de ver Vinicius cantar; e, embora jamais tivessem sido atendidos, sempre havia a compensação de olhar a mesa do poeta.

“Com a morte de Vinicius, o movimento caiu mais de 80%”, diz seu sócio argentino, Mario Molinaro. Sem Vinicius, Molinaro prefere não ficar no Rio de Janeiro: voltará para Buenos Aires, onde tem a boate Privé. E a solução é vender: o bar já foi anunciado na seção de classificados dos jornais cariocas. O preço não foi divulgado. E há uma condição: o Cirrose terá de mudar de nome. □

CLUBES E GENTE

Hercillo Miranda

Sinuquinha

A equipe da Venda da Cruz foi a vencedora do desafio de sinuquinha contra o pessoal do Encruzo da Maricá (Sete Pontes), realizado domingo pela manhã, no Salão Vasco da Gama, na Venda da Cruz. Várias partidas foram realizadas e ao final da competição Luiz Carlos foi o grande campeão, seguido de Carlos Alberto, o Nonô, que ficou com a segunda colocação, sendo que os dois pertencem a equipe da Venda da Cruz. Durante a solenidade de entrega dos prêmios, troféu e medalha, usaram da palavra os Srs. Nilton Magno Rocha, da Venda da Cruz; Arnaldo Chauréo e Adilson Guimarães, pelo Encruzo da Maricá. A medalha ao vice-campeão foi entregue por Ari Rocha e o troféu ao campeão pelo colunista, tendo no ensejo havido uma troca de saudações e agradecimentos, entre o campeão Luiz Carlos e o Agá Eme. Em seguida foi servido apimentado angu à baiana, com biritas e "louras suadas" nos acompanhamentos, tendo a reunião chegado ao fim num ambiente de perfeita confraternização.

Trovadores

A União Brasileira de Trovadores (UBT), Seção de Saquarema (RJ), está promovendo o seu I Concurso Nacional de Trovas, com os seguintes temas: "Outeiro de Nazaré" (trovas líricas ou filosóficas). Cenário: no alto do outeiro está a Igreja de Nossa Senhora de Nazaré, Padroeira de Saquarema. "Fraternidade e Concórdia" (trovas cívicas, líricas ou filosóficas). É a legenda do braço da cidade e, assim, motivadora do tema.

As trovas, de 7 sílabas poéticas, rimando o 1.º verso com o 3.º e o 2.º com o 4.º, terão que ser inéditas, não sendo permitido plágios. Cada concorrente poderá remeter o máximo de 5 trovas em cada tema, utilizando o processo comum e sem precisar de pseudônimo.

As trovas, até 31 de outubro, devem ser enviadas para o seguinte endereço: Concurso de Trovas de Saquarema - Presidente Casimiro Vignoli - Rua Barão de Saquarema, 419 - Saquarema - 28.990 - RJ.

Padre Eduardo

Missa em Ação de Graças pelos 29 anos de ordenação sacerdotal do Padre



Maria Laura, de Volta Redonda, está aí, sorrindo para todos nós, em homenagem aos leitores de O FLU lá da Cidade do Aço. (Foto de Edson Alves).

Eduardo Gomes Faria da Cruz, o Padre Eduardo, foi celebrada na Matriz de Santa Therezinha, no Fonseca, de onde é Vigário. A Igreja ficou repleta de paroquianos e amigos do homenageado. No ensejo falou em nome de todos o Sr. Paulo Newton Demoraes, saudando o homenageado que, no seu agradecimento, chorou de emoção. Pelo mesmo motivo, a diretoria do Fonseca AC homenageou o religioso com um churrasco, no domingo, quando vários oradores falaram sobre o acontecimento.

Amanhã, às 20h, no Restaurante Monteiro, por iniciativa de um grupo de amigos, haverá jantar de confraternização em homenagem ao Padre Eduardo, sendo orador oficial o Dr. Latino Severo Ferreira.

Cantagalo

Programado para os dias 4 e 5 de outubro, no Cine Eldorado, o III Festival Cantagalense da Canção, numa promoção da Associação dos Servidores Municipais de Cantagalo e Equipe SEC. Serão distribuídos prêmios em dinheiro para os três primeiros colocados e para o melhor intérprete, no valor de 50, 20, 10

e 5 mil cruzeiros, respectivamente. As inscrições podem ser feitas até o dia 10 de setembro, mediante o pagamento de 100 cruzeiros por música.

Festival de Seresta

O União FC, de Silva Jardim, promove no dia 30, a partir das 21h, o I Festival de Seresta da Região Centro. Aos cinco primeiros colocados serão conferidos, respectivamente, os Troféus Francisco Alves, Orlando Silva, Vicente Celestino, Pixinguinha e Vinicius de Moraes.

O coordenador Afonso Celso Bath informa que as inscrições podem ser feitas até o dia 25, pessoalmente ou por cartas, na sede do clube, à Rua Cel. Cazeca, s/n, na cidade de Silva Jardim, RJ.

A quadrinha

Eu vi o menino afagando os cabelos do velhinho; era o futuro brincando lá no final do caminho.

Agá Eme

Notas e acordes

Vinicius Blanc Medeiros de França, filho de Wildson França, o Bolinha da Banda de Niterói; Izidéa, esposa do Dr. Paulo Dercy Dias Ribeiro; Murilo Jr., filho de Antonieta e Murilo Verlangieri; Dona Silvia Vianna Bustinza, esposa do Dr. Gregorio Bejar Bustinza; Iraldinho Mercadante Silva, filho do jornalista Iraldo Silva; Dr. Antônio Abunahman, pediatra Renato Silva Jr. e Amadeu Derito, presidente do GR Gragoatá, estão aniversariando hoje. /// Ontem trocou de idade o Guarará Siqueira, aqui de O FLU /// Segunda-feira ficou menos novo o Dr. Maia Castro, Diretor do Centro de Saúde Carlos Antônio da Silva, e figura das mais queridas em Niterói. Parabéns a ele e aos demais aniversariantes. /// Loja Maçônica José Navega Cretton nº 28 convidando para as solenidades comemorativas do Dia do Maçom, hoje. As 10h, no Paço Municipal, haverá solenidade pública em homenagem a Joaquim Gonçalves Ledo; às 19h, no plenário da Câmara Municipal, solenidade em homenagem a Jose Navega Cretton, seguida de coquetel no Salão Nobre. Agradecemos, sinceramente, ao Presidente Kleber da Silva Rebelo. /// Será inaugurada hoje, às 20h30min, na Galeria Michelângelo, Rua Tavares de Macedo, 128/A, a Exposição Comemorativa dos 20 anos de fotojornalismo do nosso "maninho" Zalmir Gonçalves, aqui de O FLU. Parabéns e bola pra frente, bicho. /// Do nosso leitor e amigo Armando de Azevedo Faria, da Global Com. Imp. Exp. Ltda., recebemos um lindo e útil presente, por intermédio do Profe. Luiz Carlos Brazil Barboza. Nossos mais sinceros agradecimentos aos dois. /// Cordão da Bola Preta, Avenida Treze de Maio, Rio, realiza mais um baile hoje, da série Boate do Executivo, das 19 às 24h. O conjunto Saveiros atuará no fundo musical. /// Clube Náutico Gonçalvesense homenageou no domingo o associado José de Souza, eleito o Pai do Ano, as solenidades foram coordenadas pelo Diretor Social Carmo Costa e pelo Comodoro Omilar Garrido. /// Sexta-feira no Posto Serrano, o Grupo do Barreto escolhe e presta homenagens ao Pai do Ano, entre os sócios presentes.

VEICULO *Volvo 60* CIDADE *Rio de Janeiro*
 ESTADO *Rio de Janeiro* DATA *20/10/80*
 Nº *197*

Fotos A. A. Fontes



Nelson Rodrigues, segundo Chico



O João Antônio de Fats



Millôr, na versão de Chico

CARICATURA

Os marchands apostam na arte de deformar

Cinco cartunistas conquistam um espaço entre as galerias

O cartum já foi um gênero maldito. E difícil para os que, um dia, se dedicaram ao traço como expressão. Provavelmente não deixou de ser — e há ainda os que relutam em defini-lo como manifestação das artes. Mas ganhou, nos últimos anos, *status* suficiente para reunir cinco de seus melhores representantes numa galeria de Ipanema, a Estampa. E *Caretas*, primeira mostra conjunta de Chico Caruso, Luis Trimano, Cássio Loredano, Fafs e Jane, que permanecerá aberta até o dia 30, começa a reabilitar parcialmente o justo valor de um exercício mutilado, perseguido e abominado — mas extremamente resistente — nos anos mais duros da repressão: o da caricatura. Um exercício, aliás, de muita tradição no Brasil.

É o valor dessa tradição que, na mostra, os cinco cartunistas pretendem valorizar. Uma missão mais que necessária: trata-se de uma questão de sobrevivência. Afinal, eles podem chegar às galerias e até cair na graça dos *marchands*, mas em termos práticos — ou seja, financeiros — isso só significa o primeiro passo. O exemplo está entre os próprios participantes.

Com exceção de Chico Caruso — paulista de 30 anos que desenha regularmente, há um ano e meio, para a página 10 do *Jornal do Brasil* — e de Cássio Loredano, que atualmente estuda artes visuais na Alemanha, todos sobrevivem a custa de "bicos" variados.

Todos proibidos. Há outros pontos de união entre os cinco artistas de *Caretas*, além da dura batalha pelo reconhecimento de seu bom trabalho. O mais evidente é, talvez, o fato de todos terem experimentado os rigores da Censura, expressos em incontáveis trabalhos vetados. Hoje, quando eles ganham espaço para sua primeira exposição, vê-se bem por que seu traço mordaz foi repudiado. Os poderosos nunca admitiram ver-se retratados em imagens disformes, irônicas, sarcásticas. Mas nesta exposição os retratados são integrantes da comunidade



Ferreira Gullar por Trimano

artístico-intelectual brasileira: Ferreira Gullar, Millôr Fernandes, Carlinhos de Oliveira, Vinicius de Moraes, Antônio Houaiss e outros. E nenhum deles, com certeza, verá nisso motivos para odiar seus talentosos retratistas.

Deformação radical. O estilo também aproximaria os expositores. Todos eles são adeptos do que Caruso chama de "grafismo pesado", cuja característica básica seria radicalizar na deformação dos traços dos retratados. O resultado é conseguido pelo emprego sistemático de meios-tons, obtidos por sua vez na base da caneta. Por aí conseguem, aliás, ótimos efeitos de impressão. E todos eles reconhecem que a técnica, presente na maioria dos trabalhos, foi trazida da Argentina em 1968 pelo portenho Luis Trimano, de 37 anos.

Trimano, trabalhando para as grandes revistas, em São Paulo, ou em órgãos da imprensa alternativa, no Rio, acabou conquistando a admiração de muitos que começavam. "Acho que acrescentamos à caricatura", diz Chico Caruso, "uma carga de dramaticidade que não havia. Passamos a fazer desenhos nem tão alegres quanto os do Ziraldo, nem tão sarcásticos quanto os de Jaguar — mas mais introvertidos, talvez até por causa da situação política da época em que começamos". O método favoreceu a luta que eles todos travaram contra a censura. "Tudo o que continha uma mensagem explícita não passava", diz ele. A técnica indicou novos caminhos, mas todos eles levavam, sempre, a Brasília. Hoje eles ao menos podem dirigir-se às paragens mais amenas e agradáveis de Ipanema.

B.M.

REVELAÇÕES

O inconsciente e seus traços irrepreensíveis

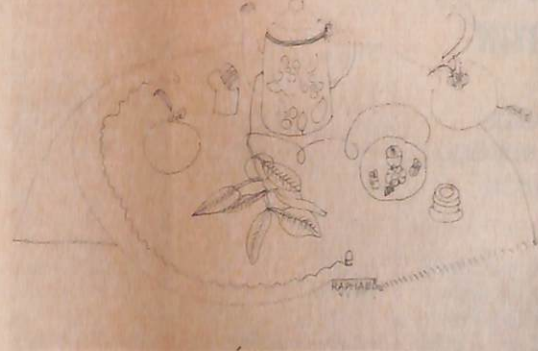
O gênio de um pintor esquizofrênico em retrospectiva no Rio

Resgatados ao abandono dos pátios dos hospícios e estimulados a criar, muitos esquizofrênicos chegaram a transformar-se em artistas de elogiadas qualidades. O mais conhecido deles, no Brasil, é Fernando Diniz, o qual, por se encontrar internado no Centro Psiquiátrico Nacional, no Engenho de Dentro, não pôde assistir à concorrida *vernissage* realizada no Rio, no ano passado, em sua homenagem. Agora outro acontecimento procurará demonstrar que, embora condenados ao confinamento, os loucos podem, pela arte, comunicar-se para além dos muros dos hospícios. Trata-se de uma grande retrospectiva, organizada por Mário Pedrosa, da obra do pintor esquizofrênico Raphael Domingues, que tampouco poderá ver-se reconhecido. Ele morreu no anonimato aos 67 anos, em dezembro do ano passado, por problemas circulatorios.

A exposição será montada em setembro no Museu de Arte Moderna do Rio e reunirá cerca de 150 desenhos do pintor. Não existem muitas



Retrato: delírio revelador



Natureza-morta: arabescos da alienação

informações sobre Raphael, além das que forneceram, por meio da arte, o seu inconsciente delirante. Só estas, no entanto, foram suficientes para despertar no falecido crítico Sérgio Milliet a seguinte apreciação sobre o artista Raphael: "O que faz pode ser comparado ao que de mais belo e sensível se conseguiu entre os modernos, os Matisse, Picasso, Dufy".

Fragil estrutura. Raphael, que se assinava também Raphael, Raefael ou às vezes simplesmente "Amigo", não teve uma vida longa como pintor. A fase em que compôs a maior parte da sua obra — constituída de algumas pinturas e mais de 3 mil impressionantes desenhos, a bico de pena, pois esta era a sua especialidade — vai de 1946 a 1949. Três anos apenas, portanto, de atividade artística. Fora daí, Raphael fez trabalhos acadêmicos de pouca qualidade quando ainda são, na ado-

lescência, e uma longa série de trachinhos superpostos, desenhados nas fases mais agudas da doença.

Nascido em São Paulo, em 1912, filho de um escultor de imagens para cemitérios, teriam sido as dificuldades financeiras, segundo a dra. Nise da Silveira, que levaram Raphael à loucura. Ele perdeu o pai cedo e, cabeça de família, sua frágil estrutura psicológica não resistiu ao peso das responsabilidades. Antes de enlouquecer, Raphael estudou no Liceu Literário Português, onde copiava bustos clássicos. Depois passaria doze anos em estado de total alienação, até ser descoberto, quando já passava dos 30, no ateliê de terapia ocupacional montado pela dra. Nise no Centro Psiquiátrico Nacional, do Engenho de Dentro.

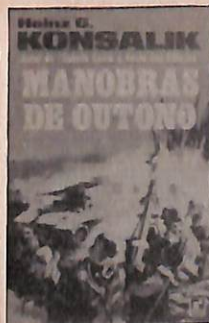
Solilóquio. Foi Mário Pedrosa um dos primeiros a vislumbrar que "dentro da câmara escura daquele esquizofrênico havia um gênio". Juntamente com o pintor Almir Mavignier — hoje professor de arte em Hamburgo —, passou a estimular a criatividade de Raphael, ora no Centro Psiquiátrico, ora na casa em que o artista vivia com a mãe, quando demonstrava melhoras, numa encosta do bairro de Santa Tereza. Pedrosa o encontrava "num pijama listrado, como em férias na casa materna. Raphael trabalhava cantarolando ou num solilóquio ininteligível. Caracterizam seus desenhos o traço delicado e muitos arabescos".

Em breve, trabalhos de outros artistas como Raphael serão conhecidos por um público maior do que o constituído por médicos, enfermeiros e alguns interessados que freqüentam o Museu de Imagens do Inconsciente — instituição fundada em 1946 pela dra. Nise da Silveira —, onde seus talentos foram revelados.

Agora, coincidindo com a homenagem a Raphael, a Funarte lançará ainda este mês um livro de 192 páginas, cheio de ilustrações sobre a obra de sete artistas esquizofrênicos brasileiros. Integrará o livro uma introdução assinada por Mário Pedrosa e vários estudos e depoimentos de outros críticos e artistas plásticos. Uma iniciativa capaz de, quem sabe, contribuir para recuperar como personalidades artísticas indivíduos muitas vezes colocados apenas — e equivocadamente — na galeria das curiosidades científicas.

B.M.

Você escolhe o livro. E nós damos o desconto.



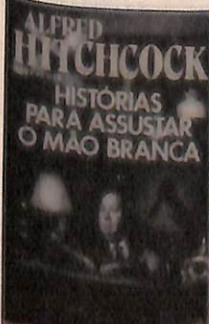
Manobras de Outono
Heinz G. Konsalik
Cr\$ 490,00
Assinale o número: 1



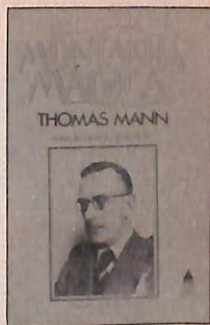
O Círculo Matarese
Robert Ludlum
Cr\$ 650,00
Assinale o número: 3



Segunda Geração
Howard Fast
Cr\$ 600,00
Assinale o número: 6



Histórias para Assustar o Mão Branca — Alfred Hitchcock
Cr\$ 490,00
Assinale o número: 8

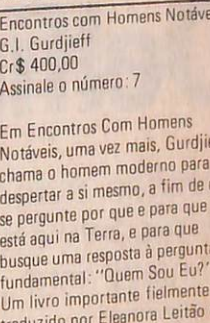


A Montanha Mágica
Thomas Mann
Cr\$ 800,00
Assinale o número: 2

A mais importante obra do maior romancista em língua alemã. O mais completo painel da Europa do pós-guerra, à procura de uma unidade, de uma síntese espiritual e social, que seu próprio progresso tornou cada vez mais inalcançável, através de personagens inesquecíveis, reunidos numa obra de profundo conteúdo humanista.



A Canção da Relva
Doris Lessing
Cr\$ 280,00
Assinale o número: 4



Encontros com Homens Notáveis
G.I. Gurdjieff
Cr\$ 400,00
Assinale o número: 7



O Beijo Mais Íntimo
G. Legman
Cr\$ 350,00
Assinale o número: 9



Dr. Fischer de Genebra
Graham Greene
Cr\$ 220,00
Assinale o número: 5



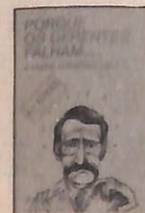
A Alternativa do Diabo
Frederick Forsyth
Cr\$ 600,00
Assinale o número: 10

Este é o mais sensacional sistema de compra de livros que existe. E nele você sempre leva um desconto. Veja como é simples. Você escolhe os livros que quiser nesta página, preenche o cupom, acrescenta cheque nominal à Internacional Casa do Livro no valor da sua compra e coloca no Correio. Rapidamente você receberá — sem nenhuma outra despesa — os livros pedidos. Junto com eles, você receberá cupons de desconto equivalentes a 10% do valor da sua compra. E, ainda, um catálogo grátis, com mais de 600 livros para você escolher. Quando você fizer um novo pedido, é só anexar os cupons de desconto que você recebeu e abater o seu valor do total da sua nova compra. Assim, toda vez que você pedir um livro, terá um desconto.

Faça logo o seu pedido e garanta para sempre essas vantagens.

Garantia: empresa filiada a ABEMD (Associação Brasileira das Empresas de Marketing Direto) e a DMMA (Direct Mail Marketing Association): os produtos e serviços anunciados são garantidos.

Mais de 600 livros para você escolher! Com 10% de desconto!



Por que os Gerentes Falham...
John J. McCarthy
Cr\$ 370,00
Assinale o número: 11



A Crise do Homem na Meia-Idade
Nancy Mayer
Cr\$ 480,00
Assinale o número: 12

A Internacional Casa do Livro
A/C Caixa Postal 22.185 — SÃO PAULO

Desejo receber os seguintes livros:

1 2 3 4 5 6 7
8 9 10 11 12

Valor total de minha compra Cr\$ _____

Nome _____

Endereço _____

Cidade _____

Est. _____ CEP _____

Nº do cheque _____ Nº do banco _____

Você receberá com seu pedido, inteiramente grátis, catálogo com mais de 600 livros para Você escolher. Preços válidos até 31.09.80.

20 / 8 / 80

Vinicius de Moraes é nome de rua em SP

O poeta e compositor Vinicius de Moraes e os jornalistas Valfrido de Grammont e José Gil Avilé, conhecido na crônica policial como "Beija Flor" são nomes de ruas da Capital desde ontem, por decreto assinado pelo prefeito Reinaldo de Barros.

A rua que recebeu o nome de Vinicius de Moraes situa-se entre a rua da Consolação (a avenida Paulista) e o início do viaduto de ligação com a avenida Dr. Arnaldo e era conhecida apenas como acesso à avenida Paulista.

A rua Valfrido de Grammont era conhecida como rua C e fica entre a avenida Condessa Elisabete de Robiano e rua Rubens Porta Nova, na Barra Funda.

A rua "Beija-Flor" era conhecida como rua 18 e situa-se no final da avenida Central, entre a rua 21 e avenida 2, na Capela do Socorro, em Santo Amaro.

No mesmo decreto, o prefeito deu nomes a mais 24 vias localizadas nos seguintes bairros: Capela do Socorro, Itaquera, Butantã, Santo Amaro, Ibirapuera, Tucuruvi, Vila Guilherme e Nossa Senhora do Ó.

NOTÍCIAS POPULARES - SP

20 / 8 / 80

Vinicius de Moraes será nome de rua

O nome do poeta e compositor Vinicius de Moraes foi dado, ontem, pelo prefeito Reynaldo de Barros, ao logradouro conhecido por "acesso a Avenida Paulista", situado entre a rua Consolação a Avenida Paulista e o início do viaduto de ligação com a Avenida Dr. Arnaldo.

Também o jornalista Walfrido de Grammont, que atuava nas TVs Bandeirantes e Globo, foi homena-



geado pelo prefeito, teve seu nome dado a antiga rua "C", situada entre a avenida Condessa Elizabeth e Robiano e a rua Rubens Porta Nova, na Barra Funda.

ASTRONOMIA E ASTRONÁUTICA**A ASTRONOMIA
DE VINICIUS
DE MORAES**

Ronaldo Rogério de Freitas Mourão

Coordenador de Astronomia do Observatório Nacional

VINICIUS de Moraes inspirou-se no céu em diversos períodos de sua vida literária. Seria curioso saber qual poderiam ter sido os seus reais conhecimentos de astronomia. Quais teriam sido as condições ambientais que o conduziram à utilização dos astros como meio de expressão, com o objetivo de elaborar imagens e, às vezes, para transmitir sensações e sentimentos? Imediatamente, pela leitura da sua crônica *Menino de Ilha*, descobre-se que desde cedo tinha uma enorme atração para a contemplação celeste:

“Quando não havia luar era mais lindo e misterioso ainda. Porque, com a continuidade da mirada, o céu noturno ia desvendando pouco a pouco todas as suas estrelas, até as mais recônditas, e a negra abóbada acabava por formigar de luzes, como se todos os pirlampos do mundo estivessem luzindo na mais alta esfera. Depois acontecia que o céu se aproximava e eu chegava a distinguir o contorno da galáxia, e estrelas cadentes precipitavam-se como loucas em direção a mim com as cabeleiras soltas e acabavam por se apagar no enorme silêncio do infinito. E era uma tal multidão de astros e tremeluzir que, juro, às vezes tinha a impressão de ouvir o burburinho infantil de suas vozes. E logo voltava o mar com o seu marulhar ilhéu, e um peixe pulava perto, e um cão latia, e uma folha seca de amendoeira era arrastada pelo vento, e se ouvia a tosse de Augusto longe, longe. Eu olhava a casa, não havia ninguém, meus pais dormiam, minhas irmãs dormiam, meu irmão pequeno dormia mais que todos. Era indizivelmente bom.”

As noites estreladas da Ilha do Governador em sua juventude, na época muito pouco iluminadas pelas luzes elétricas, aliaram-se, no seu espírito curioso e observador, a um conhecimento astronômico elementar, assim como a uma precisa noção do vocabulário relativo aos corpos celestes, como se comprova pelo estudo dos termos empregados sempre com o seu exato significado.

Um prolongamento desse sentimento encontra-se no poema *Pescador*, quando após informar ter sido um contemplador do céu noturno, do céu sem Lua (melhor época para observar as estrelas), confessa: “Quando eu olho no céu fico tonto de tanta estrela.” Logo em seguida, no mesmo poema, relata um dos mais belos espetáculos que só aqueles que vivem voltados para as indizíveis ocorrências celestes já tiveram oportunidade de registrar. Trata-se do aparecimento matutino do planeta Vênus no mar:

“Ouve, eu não peço nada do mundo, eu só queria a estrela d'alva
Porque ela sorri mesmo antes de nascer, na madrugada
Oh, vai no horizonte, pescador, com tua vela tu vais depressa
E quando ela vier à tona, pesca ela para mim depressa, pescador?”
Um dia, Vinicius quer partir à procura da liberdade:
“Quero ir-me embora pra estrela
Que vi luzindo no céu
Na várzea do setestrelô”

Aqui setestrelô é o mais belo dos aglomerados abertos visíveis a olho nu, durante os meses de verão, quando, então, surge como uma nuvem leitosa de sete estrelas. O nosso poeta da Garota de Ipanema parecia reconhecer com facilidade as estrelas no céu. Assim, citou inúmeras vezes em seus poemas as constelações e estrelas pelo seus nomes próprios, indicando sempre a sua exata localização. Ao viajar para o hemisfério Norte teve a sua curiosidade voltada para o céu boreal, tendo logo procurado a sua principal atração, a Estrela Polar, à qual iria dedicar dois poemas. Num deles, escrito a bordo do *Highland Patriot*, no oceano Atlântico, a caminho da Inglaterra em 1938, escreveu seus primeiros versos de descoberta da Estrela Polar:

“De repente o mar fosforeceu, o navio ficou saliente

O firmamento lactesceu todo em poluções vibrantes de astros

E a Estrelinha Polar fez pipi de prata no atlântico penico”

Em sua poesia escrita em Oxford, as referências astronômicas não têm a coloração viva do contemplador celeste da Ilha do Governador; talvez, em virtude das condições atmosféricas. No entanto, a Lua foi sempre uma constante em sua poesia.

Em Los Angeles, nos fala de Alfa e Beta do Centauro que vira no céu, quando ficou esperando até o amanhecer o Cruzeiro do Sul que sabia não iria surgir. Suas noções astronômicas parecem ter sido muito bem fundamentadas nos cursos de Cosmografia que ainda existiam na época em que estudou.

Das estrelas binárias e da origem do universo encontramos estes versos:

“Como duas estrelas que gravitam
Juntas para, depois, num grande abraço
Rolarem pelo espaço e se perderam
Transformadas na magna incandescente
Que milênios mais tarde explode em amor
E da matéria reproduz o tempo
Nas galáxias da vida no infinito.”

Com relação à origem da vida, supôs em um dos seus versos que nós seríamos talvez “pólos infinitamente pequenos de partículas cósmicas em queda invisível na Terra”. Assim define o poeta a criação do homem numa referência à teoria da panspermia de Svante Arrhenius do século passado, e atualmente revivida por Fred Hoyle, que acredita que a vida tenha sido transportada para o nosso planeta por intermédio das moléculas orgânicas que existem nos cometas.

Até a própria noção moderna dos “buracos negros” surge em sua poesia:

“Veio de longe; e o meu amor despenhou-se do vácuo
Como um negro sol incendiado, varando milênios
Da solidão e desencontro, recuperando
Infinitos perdidos, espaços
Abandonados, arrastando no seu vértice
Astros sem luz, estrelas moribundas
Mundos sem amanhã.”

As novíssimas cantoras e compositoras

A busca de um lugar com samba, amor ou rebeldia

ELIAS FAJARDO DA FONSECA

Elas estão brigando para conquistar seu lugar no mercado. Suas vozes são suaves ou agressivas, suas letras falam de amor, de raiva, de problemas sociais ou de poesia. Guadalupe, Sandra Sá, Janaina, Fernanda e Aparecida são algumas das novíssimas cantoras e compositoras da música popular brasileira.



Sandra, uma coisa de sangue

Sandra

Sandra Sá é autora e intérprete de "Demônio colorido", finalista do Festival MPB/80 da TV Globo, e está gravando o seu primeiro Lp.

— O meu lance de cantar — diz ela — é uma coisa de sangue, de veia. Eu não resolvi cantar, eu fui cantando. Minha família é toda ligada à música. Depois, isto foi amadurecendo em mim como uma coisa profissional.

Sandra é estudante de Psicologia na Universidade Gama Filho e participou de muitos festivais, grupos vocais e shows. Seu trabalho de compositora foi motivado pelos problemas de sua geração (ela tem hoje 25 anos). E suas letras são satíricas, anticonvencionais, beirando o surrealismo.

— Para mim, compor é como cantar: uma coisa que tem muito a ver com o estado de espírito. A coisa aparece na minha cabeça e é bem chegada do jeito que vem. Não tenho a preocupação com a métrica e nem a pretensão de rebuscar muito as coisas.

O disco de Sandra está sendo produzido por Durval Ferreira e tem no repertório "E", de Gilberto Gil, "Cavalo Ferro", de Fagner, "Vinte e poucos anos", de Fábio Jr., "Saudade vadia", de Joanna e Solange Boeke, "Receio de errar", de Mauro Marcondes e Caio, além das músicas de Sandra "Demônio colorido", "Pé de meia", "Essa figura bandeira" e "Cantar", de parceria com Faffy.



Janaina, o domínio do samba

Janaina

O avô de Janaina era índio e passou a vida tocando cavaquinho nos morros cariocas. Sua tia, a Tia Guia, com mais de 60 anos, vai gravar agora seu primeiro Lp. Ser cantora e sambista foi portanto, para ela, uma questão de origem.

— Cantar para mim significa tudo — diz — não sei fazer outra coisa na vida. Desde os 14 anos eu já ganhava alguns trocados cantando nas festinhas.

Janaina é carioca de Botafogo mas foi criada no morro do Falet, em Santa Teresa. Ela é tipicamente carioca na ginga, na voz e no corpo. — Tenho uma grande necessidade de cantar e dançar. Quando canto, alguma coisa me domina e me faz dançar. O samba é o gênero musical que me permite fazer estas duas coisas juntas.

Janaina acaba de gravar o disco "Arvoredo" (título de uma música de Paulinho da Viola), que será lançado no dia 7 de setembro no Teatro Tereza Rachel. No disco estão as músicas "Lado esquerdo" de Noca da Porteira, "Meu perdão", de Catani e Bira, "Gato e sapato", de Ney Lopes, "Não me mate de amor", de Ruy Quaresma, "Sereia Guiomar", um partido alto de Yvone de Lara e Délcio Carvalho, "Felicidade é ser gente", de Candeia. O disco foi produzido por Rildo Hora e tem participação de mestre Dino no violão de sete cordas, Paulo Moura nos sopros e Joel do Nascimento no bandolim.



Guadalupe, romântica obstinação

Guadalupe

Maria de Guadalupe Vieira Mendonça começou cantando em boate em Recife e escandalizando a família. Seu pai, na época deputado, achava que ela fazia isto para chocar. "Não é bem assim", insistia Guadalupe, "eu gosto mesmo de cantar". Anos mais tarde, já casada com o compositor Dominginhos, ela veria seu desejo realizado. Gravou recentemente o Lp "Princesa do meu lugar", reunindo no repertório alguns dos maiores nomes da música brasileira: "Oficina", de Tom Jobim, "Levanta seu moço", de Gonzaguinha, "Anjo forasteiro" de Dominginhos e Rita Lee, "Velha amiga", uma bellissima modinha inédita de Vinícius de Moraes e Toquinho, "Mão na mão" de Gil e Perinho Santana e outros.

— Sempre fiz o tipo rebelde — diz

Guadalupe. — Escutei minha família me chamar disto a vida inteira. Mas sou assim um pouco o que chamam de romântica e o meu disco reflete isto. Não é só por ser nordestina que tenho de usar chapéu de couro: o Nordeste também tem seu lado romântico.

Dona de uma voz suave e muito pessoal e uma compositora de talento (Dominginhos gravou duas músicas dela no seu último disco), Guadalupe ficava muito inibida de cantar ou tocar na frente do marido no início do casamento:

— Eu cantava e ele me acompanhava de costas para mim. Se virasse de frente, eu parava de cantar. Mas fui perdendo a vergonha e aceitei participar do show dele com Kátia de França na Sala Funarte. A aproximação com ele me fez aproximar mais da música. Ele não tem vergonha de nada, mete a cara e vai em frente. Eu não tenho pressa. Gravei o disco, vou fixar melhor o meu trabalho antes de partir para shows. Todo mundo tem medo do público, não é?

Fernanda

— Não me qualifico em nenhum gênero. Considero-me uma intérprete de música popular brasileira e estou sempre buscando dar o clima que a música pede. Se é samba, me posicione de um jeito com relação à música e melodia; se é balada, de outro. De modo geral, tenho preferência pela música romântica, que é o que mais gosto de ouvir.

Quem assim se define é Fernanda, classificada na última fase do Festival MPB/80 com a música "Devassa", de Vânia Andrade e Solange Boecke. O arranjo, feito por Antonio Adolfo, ganhou o prêmio de melhor arranjo da noite.

Fernanda tem uma voz grave, sofrida, e é também compositora. —

Cantei muito na noite — diz ela — e isto significou a minha escola, meu estudo e treino.

Agora ela vai gravar um Lp com produção de Durval Ferreira.

— Eu vou procurar marcar um espaço, um lugar meu dentro da música popular brasileira. O que me motiva não é ganhar muito dinheiro ou virar estrela: quero apenas ser considerada uma cantora que ficou. Como Elizete e Maisa ficaram, por terem feito um trabalho que marcou e continua marcando a música popular brasileira. Nunca pensei na arte como comércio. Preciso sobreviver, obviamente, mas quero realizar algo de que possa me orgulhar. Não sei se conseguirei atingir todas as faixas de público, mas isto é o que menos me preocupa. Meu compromisso não é com as cifras, mas com a consciência.



Fernanda, no clima que a música pede

Aparecida

Aparecida começou muito cedo. Aos 14 anos fugiu de casa e alterou a idade para se apresentar em shows como passista. Conheceu então Salvador Batista, o Marechal do Samba, e foi lançada por ele. Através de uma indicação de Tereza Aragão, viajou para a Europa com um show e ficou lá dois anos. Participou do filme "Benito Sereno e navio negreiro", onde fazia uma princesa africana. Extrovertida, alegre e compõe desde os 14 anos. Está sendo considerada pela crítica uma voz forte na música negra e uma intérprete na linha de Clementina de Jesus.

— Vou fazer 41 anos em dezembro — diz ela. — Não tenho complexos de idade. Engordei, perdi as formas, fui ser dona de casa, tive dois filhos, já não dava mais para me exibir como cabrocha. Assim, deixei de ser passista e passei a mostrar o meu outro lado, o de compositora e cantora.

Na nova fase, Aparecida voltou a frequentar o Teatro Opinião, a participar de rodas de samba e cantou no Festival de Músicas de Favelas. Em 1972, ganhou um concurso de partido-alto com a música "Boa noite", "o meu maior sucesso — e o único — que eu não sou mulher de arriar cascata e botar banca!" O produtor Durval Ferreira levou-a para gravar dois "pauses-sebo" (discos assim chamados porque reúnem vários autores e intérpretes), dois Lps e dois compactos duplos. Depois, gravou "Cantigas de fé" e o recente "13 de Maio".

O avô de Aparecida era africano da Nigéria. Seu nome era Kwalamôt Nbiow, mas foi registrado aqui como Manoel. Ele pegou ainda o final da escravidão no Brasil e, já velho, contava para a neta as suas histórias da África. "Por ele eu não seria católica nem batizada", diz ela. Dele, Apareci-

da herdou o gosto pela religião e pela música negra.

— No meu último disco há uma música chamada "Mussy Gatana". Este nome é de um famoso médico indiano antigo, que fez muita maldade durante sua passagem pela terra. Por isto ele voltou à terra depois da morte, para se purificar. Hoje em dia é conhecido como Exu Veludo, uma entidade do fogo. Eu tenho uma pomba-gira chamada "Maria Mulambo da Estrada do Oriente". Em vida, ela foi o grande amor de Mussy Gatana. Seu nome indiano era Gitana. Ela também fez muita maldade e teve de voltar para se purificar. Minha música conta a história de amor dos dois. Mas para que ninguém pense que eu canto só macumba, o meu disco tem também sambas, partidos-altos, músicas regionais. Um pouco de cada coisa para agradar a todo mundo.



Aparecida, um pouco de tudo, incluindo macumba